

Da Autobiografia e da Autoficção: O “Olho Voyeurístico” e “Uma Aventura Teórica”

Eduavison Pacheco Cardoso*
Edgar César Nolasco**

No que diz respeito ao biográfico, na medida em que os “fatos” da vida de alguém exigem igualmente uma historicidade do “acontecido”, em que direção a balança se inclinará? Ao que parece, os gêneros canônicos (biografias, autobiografias, memórias, correspondências) jogarão um jogo duplo, ao mesmo tempo história e ficção, entendida essa última menos como “invenção” do que como “obra literária”.

(Leonor Arfuch. In: *O espaço biográfico: dilemas da subjetividade contemporânea*).

Resumo: Este trabalho propõe fazer um estudo de alguns conceitos básicos da crítica biográfica ao tratar de postulados como a autobiografia e a autoficção, tendo como referência, principalmente, autores brasileiros e latino-americanos tais como a estudiosa Eneida Maria de Souza, Diana Klinger, Silvano Santiago, Leonor Arfuch entre outros. Também faremos considerações acerca de conceitos que abrangem a crítica biográfica como as questões de sujeito, das esferas do público e do privado e da mídia, as quais a crítica biográfica trabalha na contemporaneidade.

Palavras-chave: Crítica biográfica; Autobiografia; Autoficção.

Abstract: The purpose of this paper is to do a study of a few basic

* Graduando do curso de Letras UFMS. edumaldoror@gmail.com

** Professor do Mestrado em Estudos de Linguagens da UFMS

concepts about the biographical criticism by working with postulates such as the autobiography and the autofiction having as reference mainly brazilian and latin-american authors like Eneida Maria de Souza, Diana Klinger, Silviano Santiago, Leonor Arfuch, and others. We will also do considerations about the concepts that concern to the biographical criticism such as the matters of the subject, the spheres of the public, the private and of the media, which the biographic criticism works in the contemporaneity.

Keywords: Biographical criticism; Autobiography; Autofiction.

Introdução

Conhecer algumas questões da autobiografia e da autoficção requer primeiro que se apresentem algumas noções para que se esclareça o destino a ser percorrido. A crítica biográfica, por ser interdisciplinar, se relaciona com a sociologia que estuda a vida como método, a psicanálise que estuda o sujeito, a crítica literária que estuda a narrativa e os gêneros literários que vão além do romance e do conto até as cartas e os *e-mails*, os estudos culturais que trabalham questões de mídia e assim por diante. Várias são as noções com que articulam com mais frequência para delimitar-se e tentar dar conta de seu objeto de estudo. Essas questões serão tratadas aqui para ilustrar como a crítica biográfica se relaciona com esses gêneros.

Abordaremos algumas questões referentes à crítica biográfica no que diz respeito à autobiografia e a autoficção. Esses dois assuntos estão ligados ao *bios*, à vida daquele de quem se deseja falar. Vida que, muitas vezes, está difusa entre a teoria e a ficção.

1. A autobiografia e o “olho voyeurístico”

O gênero autobiográfico, em larga expansão nas diversas áreas do conhecimento, se impõe de modo exemplar para

se refletir sobre as subjetividades contemporâneas e a relação que aí se estabelece entre os domínios do público e do privado.

(Eneida Maria de Souza. In: *Janelas indiscretas: ensaios de crítica biográfica*).

De acordo com a socióloga argentina Leonor Arfuch em seu livro *O espaço biográfico: dilemas da subjetividade contemporânea*, parece haver um consenso de que o gênero literário autobiográfico começa a se desenvolver com as *Confissões*, autobiografia do filósofo Jean-Jacques Rousseau publicada no século XVIII. Isso se deve ao fato de a sociedade conquistar um espaço privado até então inexistente, ou seja, até a época em que Rousseau escreveu e publicou as suas confissões, o espaço privado era limitado, ditado pelo espaço público. Na esteira da professora Paula Sibilia, o nascimento da intimidade é:

[...] bastante recente: a esfera da privacidade só ganhou consistência na Europa dos séculos XVIII e XIX, quando um certo espaço de “refúgio” para o indivíduo e a família começou a ser criado no mundo burguês, almejando um território a salvo das exigências e dos perigos do meio público que começava a adquirir um tom cada vez mais ameaçante (SIBILIA, s.d., s. p.)

A autora aponta que efetivamente a autobiografia se constitui com as transformações que ocorrem ao sujeito e à sociedade, sendo a “aparição de um ‘eu’ como garantia de uma biografia é fato que remonta a pouco mais de dois séculos somente, indissociável da consolidação do capitalismo e do mundo burguês” (ARFUCH, 2010, p. 35), por isso a coincidência com a publicação de Rousseau.

Nesse sentido, Leonor Arfuch assinala que há na esfera privada uma “modelização” do sujeito em virtude do (auto)biografado, ou seja, uma espécie de imitação de algum aspecto da vida relatado, ou

vivenciado, na (auto)biografia a ser seguida pelo leitor/espectador. Arfuch, sobre essas considerações, manifesta que:

Essa visibilidade do privado, como requisito obrigatório da educação sentimental, que inaugura ao mesmo tempo o olho voyeurístico e a modelização – o aprender a viver através dos relatos mais do que pela “própria” existência –, aparece como um dos registros prioritários na cena contemporânea (ARFUCH, 2010, p.48).

Arfuch nos esclarece que a autobiografia é uma intromissão da esfera pública sobre a esfera privada, pois esse gênero para ela “expressa o sentimento de assédio e de defesa diante da intrusão no íntimo pelo social” (ARFUCH, 2010, p. 51).

Dessa maneira, percebemos que as mudanças concernentes ao conceito de identidade com relações às mudanças sociais é o responsável pela consolidação da “escrita de si”. Na esteira da estudiosa Maria Tereza Gomes de Almeida Lima, com base nas considerações de Stuart Hall sobre a identidade do sujeito:

O conceito de identidade sofreu mudanças consubstanciais com o impacto da globalização – sujeito cartesiano, sujeito sociológico e sujeito pós-moderno. Novas identidades surgiram com novos movimentos sociais, corroborando, assim, a fragmentação do eu e o deslocamento das velhas identidades que se faziam firmemente enraizadas em localidades bem delimitadas (LIMA, s.d., s.p.).

De outro modo, mas trilhando o mesmo caminho, a professora Ana Cláudia Viegas aponta que as “escritas de si” têm um papel importante na constituição do indivíduo contemporâneo. Para ela “um dos motores da formação do indivíduo moderno foram as diversas manifestações da “escrita de si” (VIEGAS, 2010, p.10).

Essa formação do indivíduo moderno, por meio da literatura íntima, implica a cisão entre o público e o privado. Podemos notar

cada vez mais a atenção que a mídia dá às celebridades [incluindo os escritores] em relação a trazer suas visas privativas ao espaço público. Também é comum que as próprias celebridades recorram à mídia para se promover, usando elementos de suas vidas pessoais. A mídia tem muita relevância no tocante à extensão do privado sobre o público ao revelar detalhes da vida privada alheia, facilitada pelos meios de comunicação de massa. Nas palavras de Viegas "A visibilidade do privado, o voyeurismo, sendo um dos registros prioritários na cena contemporânea, tem levado a considerações críticas acerca da expansão do particular sobre o público" (VIEGAS, 2010, p.10).

Além da formação do indivíduo moderno, os meios de comunicação também são responsáveis pela quebra da linha que separa o público do privado. Através desses meios podemos tomar conhecimento da vida privada de "personagens do espaço público midiático" (VIEGAS, 2010, p.10), mesmo as não-celebridades têm acesso aos meios de comunicação, como a internet, por exemplo, e expõem suas vidas em ambientes virtuais e sites de relacionamentos, narrando o próprio cotidiano e fazendo-se conhecer por quem quer que seja.

Como dissemos, a mídia atenua a diferença entre as duas esferas e, além disso, há a interferência do noticiário do sensacionalismo que esmaece a delimitação do espaço privado. Vale a pena transcrever uma afirmação de Eneida Maria de Souza que corrobore esse apontamento: "O mercado de notícias sensacionalistas no mundo globalizado opera, portanto, a diluição gradativa das esferas pública e privada, graças ao enfraquecimento dos valores que definiriam os seus componentes" (SOUZA, 2011, p. 29).

Com esses avanços tecnológicos, as transformações do sujeito e a expansividade da mídia, a autobiografia se desdobra sob outros aspectos e veículos. Ana Cláudia Viegas em seu artigo "Com a palavra, o autor – exercícios de crítica biográfica na contemporaneidade" defende que:

Surgem hoje, no horizonte midiático da cultura contemporânea, expressões concorrentes dos gêneros biográficos consagrados. Para além de biografias, autobiografias, memórias, diários íntimos, correspondências, temos *talk shows*, *reality-shows*, *blogs* – fazendo do relato de experiências pessoais e da exposição pública da intimidade, um fenômeno característico de nosso tempo (VIEGAS, 2010, p. 10).

Essas expressões compõem o que Leonor Arfuch nomeia de “espaço biográfico” e Diana Klinger, de “constelação biográfica”. E espaço não se prende mais apenas ao papel e às restrições feitas por Lejeune (“o pacto autobiográfico” em que o autobiografado cria um vínculo com o leitor que crê totalmente na veracidade daquele que escreve sobre si), pois como aponta Viegas “[o] biográfico-vivencial nos gêneros discursivos contemporâneos se estende para além do universo da cultura de massa, numa trama de interações, hibridações, contaminações de lógicas midiáticas e acadêmicas” (VIEGAS, 2010, p.10) reformulando e dando maior liberdade ao gênero autobiográfico.

Dentro dessa perspectiva, a crítica Eneida Maria de Souza aponta e exemplifica que a autobiografia toma proporções coletivas ao se inserir na *web*:

O relato autobiográfico, nas suas distintas atualizações, ressurgiu como revelador de individualidades criadoras, de senhas que ultrapassam interesses locais para se integrarem às redes transnacionais de comunicação. Como exemplo dessa prática, verifica-se a passagem da escrita do diário íntimo entre os adolescentes para o exercício de blogs e de webcams na tela do computador, comprovando-se a retomada do discurso autobiográfico sob forma coletiva (SOUZA, 2011, p. 32).

Desse modo, a internet proporciona aos usuários uma maior liberdade e opção em “relatar-se a si”, não apenas escrevendo inti-

midades de modo convencional virtual, mas se utilizando de novas ferramentas para contar a própria história, como o caso dos *photoblogs* e *vlogs*, diários virtuais de fotos e vídeos, respectivamente.

Outros exemplos dão-se pelas entrevistas em programas de televisão e pelos *reality-shows* que se popularizam cada vez mais, onde espiar a intimidade alheia, rompendo ainda mais o privado, torna-se comum em nossos dias. Assim, na atualidade, esse espaço autobiográfico ganha novas configurações. Mesmo a crítica é uma forma de autobiografia na qual o autor relata sua vida através das leituras que faz, como nos indica o crítico e escritor Ricardo Piglia:

Quanto à crítica, penso que é uma das formas modernas da autobiografia. A pessoa escreve sua vida quando pensa estar escrevendo suas leituras. (...) O crítico é aquele que reconstrói sua vida no interior dos textos que lê. A crítica é a forma pós-freudiana de autobiografia. Uma autobiografia ideológica, teórica, política, cultural. E digo autobiografia porque toda crítica se escreve a partir de um lugar preciso e de uma posição concreta (PIGLIA *apud* NOLASCO, 2004, p. 86).

Assim, vemos que a autobiografia é um gênero muito divergente, dependendo do autor e do método escolhido para o trabalho. Além disso, a autobiografia é um gênero difícil de delimitar, pois entra em contato com outros gêneros, como a ficção, se hibridizando e criando novas formas de se fazer a “escrita do eu”. Desse modo, uso as palavras da professora Eurídice Figueiredo para corroborar essa afirmação:

[...] a literatura contemporânea embaralha as categorias de autobiografia de e ficção, colocando em cena novos tipos de escritas de si, descentrada, fragmentada, com sujeitos instáveis que dizem “eu” sem que se saiba exatamente a qual instância enunciativa ela corresponde (FIGUEIREDO *apud* ALMEIDA, 2009, p. 147).

Dessa maneira, percebemos que com a autobiografia, a crítica biográfica aborda as questões do “personagem midiático” que está sempre sob a mira do “olho voyeurístico” que deseja se imiscuir ou copiar o modelo desse personagem.

A autobiografia ganha, assim, um novo sentido em face das questões atuais da mídia, da identidade e das instâncias em que vivemos. Nesse sentido, esse gênero acaba por se transformar e ganhar uma liberdade criadora que a expanda além de si mesma. É o caso da autoficção que mistura elementos da autobiografia com ficção que veremos no próximo subtítulo.

2. Autoficção: uma “aventura teórica”

Uma vez mais, nenhuma autobiografia, nenhuma autoficção pode ser a fotografia, a reprodução de uma vida. Não é possível. A vida se vive no corpo; a outra é um texto. (...) A autoficção é o meio de ensaiar, de retomar, de recriar, de remodelar num texto, numa escrita, experiências vividas de sua própria vida que não são de nenhuma maneira uma reprodução, uma fotografia... É literalmente e literariamente uma invenção.

(Serge Doubrovsky *apud* Eneida Maria de Souza. In: *Janelas indiscretas*: ensaios de crítica biográfica).

Para entendermos o conceito de autoficção, primeiramente, retomaremos algumas considerações acerca das visões que se teve do autor ao longo das últimas décadas, especialmente a visão que tinham os estruturalistas sobre o autor, até os dias de hoje, já que é a crítica biográfica a responsável por dar conta dessa figura quando se fala do *bios* na contemporaneidade.

Depois da “morte do autor” defendida pelos estruturalistas no século passado, tal como diz Roland Barthes no ensaio “A morte do

autor” do livro *O rumor da língua*: “a escritura é a destruição de toda voz, de toda origem” (BARTHES, 1988, p. 65), a qual a figura do leitor emerge enquanto que a do autor é apagada. Assim, há na contemporaneidade o “retorno do autor” como nos indica Diana Klinger em *Escritas de si, escritas do outro*: o retorno do autor e a virada etnográfica: Bernardo Carvalho, Fernando Vallejo, Washington Cucurto, João Gilberto Noll, César Aira, Silviano Santiago. A autora enxerga a possibilidade de que esse retorno seja “uma forma de questionamento do recalque modernista do sujeito” (KLINGER, 2007, p.35) já que o foco se instaurou por muito tempo no texto.

Diana Klinger ainda salienta que o autor tem em nosso contexto sociocultural um valor de produto associado à cultura de massa e à mídia, pois como aponta a estudiosa, “cada vez mais o autor é percebido e atua como sujeito midiático” (KLINGER, 2007, p. 35) o que faz aumentar a noção de seu “retorno” e da sua supervalorização por meio da mídia. Podemos notar isso com a aparição dele cada vez mais notória em *talk shows*, entrevistas, programas de televisão e na internet. Ainda na esteira de Klinger o autor se utiliza da mídia para se promover, pois “o autor joga sua imagem e suas intervenções públicas com a estratégia do escândalo ou da provocação” (KLINGER, 2007, p. 35).

Dessa maneira, Klinger associa, na esteira de Hal Foster, o “retorno do autor” ao “retorno do real” sobre a autoficção:

O termo autoficção é capaz de dar conta do retorno do autor, pois ele problematiza a relação entre as noções do real (ou referencial) e de ficcional, assim como a tensão entre presença e falta – retorno e recalque –, ainda que não necessariamente em relação com o discurso do trauma (KLINGER, 2007, p. 38).

Deparamo-nos com o conceito de autoficção criado por Serge Doubrovsky em 1977 em contraposição às considerações teóricas

sobre autobiografia feitas por Phillippe Lejeune. No romance *Fils* (1977), Doubrovsky cunha o termo autoficção, revelando que ela, a autoficção, é mais que mera autobiografia, ou seja, é uma ficcionalização da vida do (auto)biografado. Segundo o estudioso brasileiro Evandro Nascimento o neologismo é conceituado por Doubrovsky como:

[...] o tipo de narrativa em que os nomes do autor, do narrador e do protagonista coincidem. Assim, no romance *Fils*, mais do que simples autobiografia, tem-se a encenação da vida privada do autor Serge Doubrovsky sob forma de (auto)ficção” (NASCIMENTO, 2010, p. 61).

Defendemos também que a autoficção não se trata de um gênero literário como é o caso da autobiografia. A autoficção teve sua origem com a mescla da ficção e do fato vivenciado pelo autor com o romance de Doubrovsky e se constitui através de rompimentos e hibridizações com gêneros tradicionais sem pertencer a nenhum deles. É o que Evandro Nascimento mostra ao problematizar essa liberdade inventiva da autoficção, pois “ela não tem mais compromisso algum nem com a autobiografia estrito senso (que ela não promete), nem com a ficção igualmente estrito senso (com que rompe)” (NASCIMENTO, 2010, p. 65) e ainda considera que:

Ela participa sem pertencer nem ao real nem ao imaginário, transitando de um a outro, embaralhando as cartas e confundindo o leitor por meio dessas instâncias da letra. Diferentemente do gênero do romance autobiográfico ou de memórias, que ainda quer pertencer a um gênero tradicional, a autoficção põe em causa a generalidade do gênero, sua convencionalidade (NASCIMENTO, 2010, p. 65).

Devido a essa liberdade, a autoficção já se desdobra em outras noções como a proposta por Evandro Nascimento, a qual ele nomeia

“alterficção” para designar “a ficção de si como outro” (NASCIMENTO, 2010, p. 62), além da noção de bioficção cunhado por Régine Robin para se referir à sua própria obra e cyberficção relativa aos seus textos, de toda ordem, que se encontram em sua página na internet.

Com esses desdobramentos, a autoficção vai se expandindo cada vez mais e com isso gerando complicações teóricas e divergências como o próprio Doubrovsky e Lejeune apontaram. Assim, ao considerarmos a autoficção hoje (três décadas depois de Doubrovsky cunhar o termo), o escritor contemporâneo decide se o seu nome será utilizado para nomear o narrador do texto ou o nome de alguma personagem, tal como Silviano Santiago faz em muitos de seus textos (auto)ficcionais, não necessariamente os três elementos têm que combinar como queria Doubrovsky na década de 1970.

Eneida Maria de Souza nos esclarece essa consideração já que “o autor tem a liberdade de utilizar o mesmo nome para a personagem e o narrador, sem que tal gesto interfira no grau de fidelidade/infidelidade narrativa” (SOUZA, 2011, p. 21). São os casos mais comuns praticados no Brasil, como é o caso do intelectual Silviano Santiago que veremos logo mais.

Essa questão é apontada pela bioficionista francesa Régine Robin as quais as fronteiras “entre o escritor, o narrador e os personagens estão abolidas, ou melhor, as fronteiras são porosas e permitem a passagem” (ROBIN *apud* FIGUEIREDO, 2007, p. 22). Desse modo, percebe-se que para os escritores de autoficção, já que misturam ficção e fatos da própria vida, a própria escrita acaba se tornando fragmentária e instável como nos indica Eurídice Figueiredo no texto “Régine Robin: autoficção, bioficção, ciberficção”.

Teremos como base o escritor e crítico brasileiro Silviano Santiago como exemplo de exercício de autoficção para ilustrar nossas considerações com alguns de seus relatos, exposições e obras.

O estudioso brasileiro discute a autoficção em seu artigo intitulado “Meditação sobre o ofício de criar”, o qual pondera, problematiza a categoria e narra parte de sua vida, dizendo que chegou a autoficção através de um “processo de *diferenciação, preferência e contaminação*” (SANTIAGO, 2006, 173). Esses métodos são explicados pelo autor como, respectivamente, o processo de *diferença* entre autobiografia e discurso confessional, tendo *preferência* pela autobiografia, pois ele exclui suas emoções secretas de seus textos, estas atreladas ao confessional. A *contaminação* se dá pela hibridização entre a autobiografia e a ficção. Assim, Santiago afirma que nunca escreveu sua autobiografia devido a essa *contaminação* do real pelo ficcional e vice-versa. O autor afirma que:

Inserir alguma coisa (o discurso autobiográfico) noutra diferente (o discurso ficcional) significa relativizar o poder e os limites de ambas, e significa também admitir outras perspectivas de trabalho ao escritor e oferecer-lhe outras facetas de percepção do objeto literário, que se tornou diferenciado e híbrido (SANTIAGO, 2006, p. 174).

Conhecidos os conceitos de autoficção de Serge Doubrovsky e, posteriormente, do crítico literário Vincent Colonna, que o definiu como “uma prática de nebulosas aparentadas” (COLONNA *apud* FIGUEIREDO, 2007, p. 22), Santiago diz que passou a usar a categoria de autoficção. Prova disso, são os livros publicados recentemente: *O falso mentiroso: memórias* (2004) e *Histórias mal contadas* (2005), quando o autor pratica esse hibridismo entre a autobiografia e a ficção dando ao leitor o encargo de “decifrar uma história mal contada pelo narrador” (SANTIAGO, 2006, p. 177).

Vimos que a autobiografia possui uma nova “configuração” por estar atrelada às tendências contemporâneas como no caso da diluição entre as esferas do público e do privado bem como a questão midiática que torna o autor/intelectual uma “personagem midiática”.

A autoficção, por sua vez, tida como transformação da autobiografia, dá uma maior liberdade de o sujeito/crítico/autor/intelectual contar a sua vida expandindo o gênero canônico da autobiografia ao se misturar com a ficção. Dessa maneira, o “olho voyeurístico” e a “aventura teórica” são conceitos que permeiam a crítica biográfica.

Referências

ALMEIDA, Raquel Laurino. “Autobiografia, autoficção e Künstlerroman: problematizando as fronteiras teóricas através de Rachel Jardim”. In: Revista Literatura em debate. v. 4, n. 5, p. 141-151, 2009. Disponível em http://www.fw.uri.br/publicacoes/literaturaemdebate/artigos/n5_12.pdf. Acessado em 24 de setembro de 2011.

ARFUCH, Leonor. *O espaço Biográfico: Dilemas da subjetividade contemporânea*. Trad. Paloma Vidal. Rio de Janeiro: EdUERJ, 2010.

BARTHES, Roland. *O rumor da língua*. Trad. Mario Laranjeira. São Paulo: Editora Brasiliense, 1988.

FIGUEIREDO. “Régine Robin: autoficção, bioficção, ciberficção”. In. Revista Ipotesi. v. 11, n. 2, p. 21-30, 2007. Disponível em <<http://www.ufjf.br/revistaipotesi/files/2011/05/3-R%C3%A9gine-Robin-autofic%C3%A7%C3%A3o-biofic%C3%A7%C3%A3o-ciberfic%C3%A7%C3%A3o.pdf>>. Acessado em 2 de setembro de 2011.

KLINGER, Diana Irene. *Escritas de si, escritas do outro: o retorno do autor e a virada etnográfica*: Bernardo Carvalho, Fernando Vallejo, Washington Cucurto, João Gilberto Noll, César Aira, Silviano Santiago. Rio de Janeiro: 7 Letras, 2007.

LIMA, Maria. Tereza Gomes de Almeida. “O pacto autobiográfico e os álbuns fotográficos”. Disponível em <http://www.cielli.com.br/downloads/239.pdf>. Acessado em 24 de setembro de 2011.

NASCIMENTO, Evandro. Matérias-primas: entre autobiografia e autoficção. In: Cadernos de estudos culturais: crítica biográfica. –MS, Editora UFMS, v. 2 n. 4, p. 59-75, set/dez. 2010.

NOLASCO, Edgar César. *Restos de ficção: a criação biográfico-literária de Clarice Lispector*. São Paulo Ed. Annablume, 2004.

SANTIAGO, Silvano. "Meditação sobre o ofício de criar". In: Revista Aletria. V. 18, p. 173-179, jul/dez. 2008.

SIBILIA, Paula. "Os diários íntimos na Internet e a crise da interioridade psicológica". Disponível em: <http://www.antroposmoderno.com/word/osdiar_270408.doc>. Acessado em 24 de setembro de 2011.

SOUZA, Eneida Maria de. *Janelas Indiscretas: Ensaio de crítica biográfica*. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2011.

VIEGAS, Ana Cláudia. Com a palavra, o autor – exercícios de crítica biográfica na contemporaneidade. In: Cadernos de estudos culturais: crítica biográfica. –MS, Editora UFMS, v. 2 n. 4, p. 9-24, set/dez., 2010.